

GT44: Gênero, geração e saúde: experiências, narrativas e itinerários

Madiana Rodrigues, Mônica Franch

Os processos de saúde, adoecimento e cuidado estão atravessados pelas dimensões de gênero e geração, no que diz respeito aos modos de atenção, estilos de vida, relações de trabalho, políticas e respostas institucionais às ameaças à saúde e ao tipo de adoecimento que acomete as pessoas. No entanto, é raro encontrar análises, e também políticas, que se proponham a compreender a interação existente entre gênero, geração e as dinâmicas de adoecimento e cuidado em diferentes contextos sociais e culturais. No campo das políticas de saúde a incorporação de gênero e geração costuma ocorrer de forma diferenciada. Muitos estados e municípios possuem programas e políticas voltadas à saúde das mulheres (e mais recentemente a saúde dos homens), e à saúde LGBTQIA+, frequentemente como resposta às demandas do movimento feminista e do movimento LGBTQIA+. Embora essa incorporação não seja garantia de boas práticas, trata-se de uma situação que contrasta com a pouca visibilidade que os aspectos geracionais possuem na atenção à saúde, que está muito mais limitada aos extremos da vida (infância e velhice) ou que, no caso específico das mulheres, limita a compreensão do curso da vida aos aspectos reprodutivos. Nesta proposta, partimos de uma abordagem feminista da saúde, que busca articular as dimensões biológica, social e cultural na compreensão dos processos de adoecimento e cuidado, levando em consideração ainda as relações de poder, diversidades regionais e desigualdades neles envolvidas.

A experiência corporal do câncer de mama: narrativas a partir das perspectivas de gênero, geração e sexualidade na percepção da doença

Autoria: Nathália Caroline Dias

No Brasil, o câncer de mama destaca-se como o tipo de maior incidência e mortalidade entre as mulheres. Sendo um tipo de câncer raramente encontrado em homens cisgêneros - representando somente 1% dos casos no país -, de acordo com a perspectiva biomédica, o câncer de mama não possui uma única causa, mas sim fatores de risco. Apesar de fatores ambientais, comportamentais, hormonais, genéticos e hereditários estarem relacionados ao surgimento da doença, a idade apresenta-se como um dos mais importantes, com cerca de 80% dos casos ocorrendo com mulheres acima dos 50 anos. Nesse sentido, uma das estratégias do Ministério da Saúde, através do Sistema Único de Saúde, é seguir a recomendação internacional de realizar a mamografia de rastreamento a cada dois anos em mulheres com idade entre 50 e 69 anos, a fim de identificar o câncer antes da existência de sinais e sintomas. Para as mulheres fora desta faixa etária, por sua vez, é necessário haver indicação médica a partir de alguma alteração suspeita na mama. Conforme este exemplo, é possível perceber como o processo de saúde-doença do câncer de mama no país encontra-se permeado pelas dimensões de gênero e geração no que se refere, particularmente, às políticas públicas de prevenção e tratamento. Entretanto, em estudos anteriores dedicados a um olhar próprio às humanidades acerca do câncer em geral e do câncer de mama em particular, fortuitos são os aprofundamentos analíticos sobre as implicações de gênero, geração e, sobretudo, sexualidade na percepção de pessoa e subjetividade daquelas que vivenciam a doença. Sendo assim, nesta pesquisa, a proposta é analisar a experiência de saúde-doença do câncer de mama a partir de uma abordagem feminista localizada, buscando apreender e interpretar como o lugar ocupado na sociedade pelas mulheres que vivenciam a doença em/atraves de seus corpos - sejam estes corpos cis, trans, de sexualidades diversas, de diferentes raças e etnias - atua na sua construção enquanto sujeitos no mundo. Para tanto, esta pesquisa explora algumas etnografias que realizaram trabalho com mulheres com câncer de mama, lendo-as à luz de debates teóricos acerca das

noções de pessoa/indivíduo nas sociedades ocidentais modernas, evidenciando-se, especialmente, a valoração da interioridade e as relações entre subjetividade, gênero, geração e sexualidade no processo de percepção da doença.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

